

**BETAR
& AR
CLET**

#184 | JANEIRO | 2026



Alfred Hitchcock

a grande retrospectiva

B
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Espaço Público da Unidade de Execução de Entrecampos

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



2026 chega com excelentes propostas culturais. Brinde ao novo ano com um espetáculo a seu gosto. Se aprecia arte, o Museu do Chiado apresenta a maior retrospectiva alguma vez dedicada a Mily Possoz; o MUDE decidiu revelar 85 fotografias que retratam a história de António Variações; e em Serralves pode ver 91 representações desenvolvidas pelos arquitetos Aires Mateus nos últimos 20 anos.

Se prefere teatro, em cena no Variedades estará a peça “Estar em casa”, baseada na obra da poetisa Adília Lopes; “Catarina e a beleza de matar fascistas” é a proposta da Culturgest para pensar “se há lugar para a violência na luta por um mundo melhor”; e no CCB recorda-se Shakespeare com a peça “Titus”. Como não podia deixar de ser, o novo ano começa com concertos clássicos. A Metropolitana atua no CCB e, no mesmo espaço, Pedro Burmester fará uma leitura renovada de Bach. No São Luiz, Camané junta-se ao Ensemble Darcos; os Capitão Fausto atuam no Meo Arena, e no Maria Matos acontece o festival “Conta-me uma canção” com Clã e Sérgio Godinho a dar o primeiro de três concertos. E por fim, o Cinema Media Nimas regressa a Alfred Hitchcock, com 37 filmes; e no Museu do Oriente pode ver-se um ciclo de cinema japonês.

O entrevistado da primeira edição do ano é o arquiteto paisagista José Veludo, da NPK, a quem agradecemos a disponibilidade para nos falar do seu trabalho e dos desafios das cidades na procura de uma comunhão sustentável entre a natureza e o urbanismo.



Miguel Villar

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

A requalificação de Entrecampos, em Lisboa, que inclui espaços públicos ajardinados e redes de infraestruturas, representa um desafio e uma oportunidade para “fazer cidade”



Espaço Público da Unidade de Execução de Entrecampos compreende toda a Avenida 5 de Outubro, entre a Avenida Álvaro Pais e a Avenida das Forças Armadas, a praça do lado Norte da Estação Ferroviária de Entrecampos,

todos os passeios envolventes do empreendimento, a nova via que atravessa de nascente para poente o antigo lote da Feira Popular e que se constitui como o prolongamento da Rua da Cruz Vermelha, bem como dois novos jardins a sul e a norte deste arruamento, a definir toda a frente nascente do empreendimento, para a Avenida da República. O maior destes jardins, a norte, desce suavemente desde a cota da avenida até ao piso comercial que ocupa toda a primeira cave do embasamento do empreendimento, integrando-se na continuidade deste piso e trazendo-lhe luz natural. O outro jardim é um espaço de descompressão na charneira de fluxos pedonais constantes.

Espaço Público da Unidade de Execução de Entrecampos

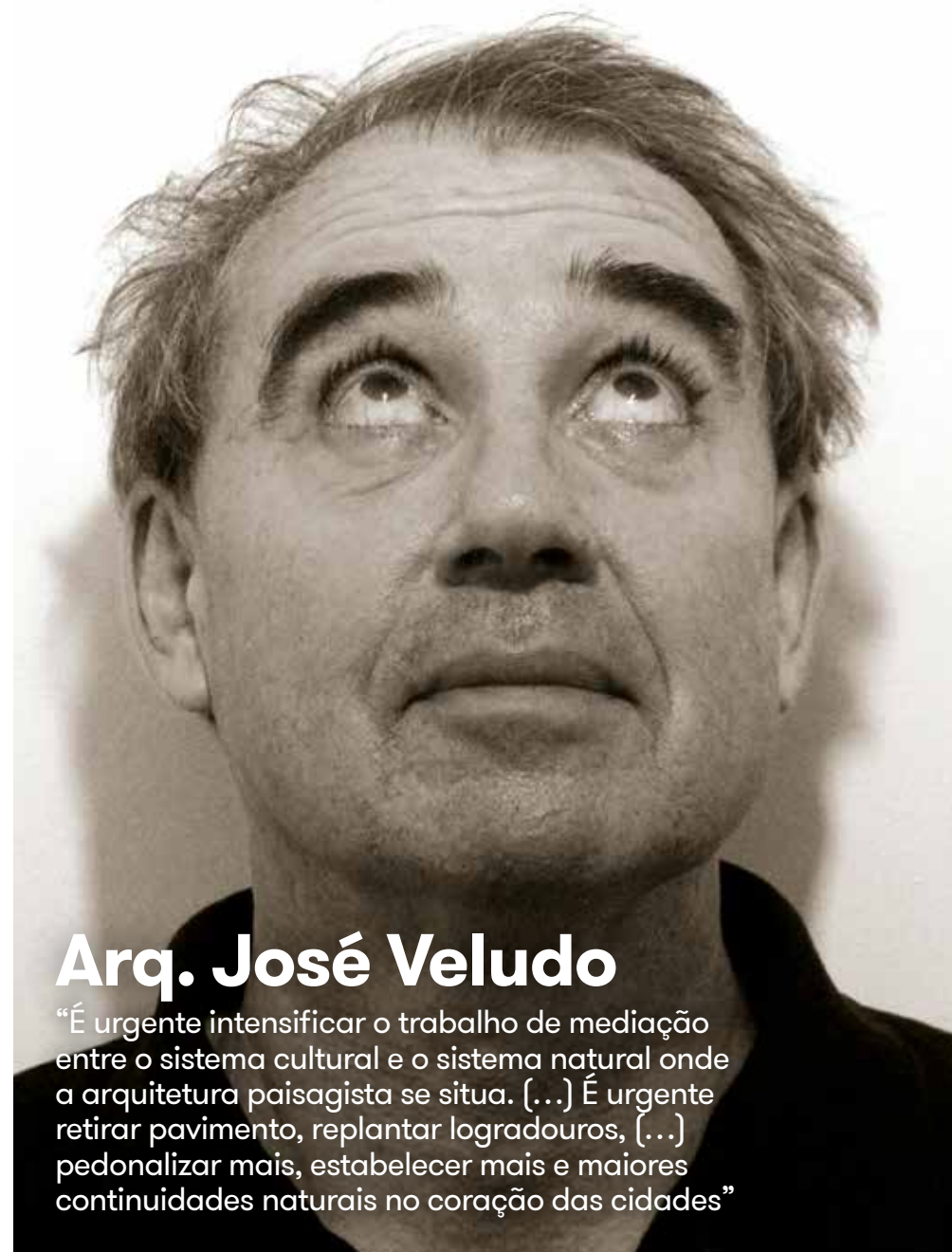
Projeto: 2020

Obra: em curso

Arquitetura: NPK
Arquitectos Paisagistas
Associados Lda

Âmbito: Infraestruturas

À CONVERSA COM



Arq. José Veludo

“É urgente intensificar o trabalho de mediação entre o sistema cultural e o sistema natural onde a arquitetura paisagista se situa. (...) É urgente retirar pavimento, replantar logradouros, (...) pedonalizar mais, estabelecer mais e maiores continuidades naturais no coração das cidades”

Fale-nos do seu percurso académico e profissional e do porquê da escolha da Arquitetura Paisagista.

Existe uma certa influência familiar: o meu pai tinha o gosto de me mostrar jardins e paisagens organizadas. Durante a minha juventude, as nossas viagens pela Europa nas férias de verão tinham precisamente esse objetivo. De resto, fui fazendo o percurso académico com muitas mudanças e incertezas até ao terceiro ano do curso de Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia, momento a partir do qual fixei a convicção e descobri a paixão.

Um arquiteto paisagista tem imensas atribuições na gestão da paisagem, tanto de espaços públicos como privados.

No planeamento, no desenho e na gestão da paisagem. Sim, a atuação da arquitetura paisagista é bastante ampla: ordenamento, requalificação e regeneração da paisagem e dos elementos primordiais (ar, água e solo), Jardins, Parques, Espaço Público, Integração de edifícios e infraestruturas, conceção de todo o tipo de espaços exteriores.

Quais as principais estratégias de planeamento, métodos e técnicas, que a NPK utiliza para responder às questões ambientais, de sustentabilidade, de reconversão ou conservação da paisagem e do património natural?

As estratégias são diversas de acordo com o contexto social, ecológico, económico e temporal em que o planeamento ou o

projeto ocorre. Contudo, existem princípios que estão sempre presentes como: o imperativo da conservação do solo e da água, a promoção da biodiversidade e da espontaneidade natural, o entendimento da evolução histórica e cultural da paisagem, a procura de continuidades e do potencial do lugar, da sua aptidão morfológica, biológica, estética ou espiritual.

Têm preferência por projetos de pequena escala, mais pessoais, ou pelas intervenções maiores, em espaços públicos?

Gosto de trabalhar em todas as escalas, é no seu contraste que encontramos as certezas para calibrar cada uma delas. Contudo, o trabalho da NPK centra-se mais em escalas de paisagem maiores, nomeadamente em espaço público.

Que objetivos tem para o seu atelier? Existe algum projeto desafiante que gostasse de trabalhar? Algum que lamente que não se tenha concretizado?

Gosto de fazer parques, são muitos os projetos que lamentei não concretizar, mas esqueço-me rapidamente deles para me concentrar no próximo.

Atualmente prefiro pensar projetos de maior escala, como exemplo gostava de trabalhar na concretização de um novo pulmão para a cidade de Lisboa, o corredor verde oriental, ao longo do vale de Chelas, do aeroporto até ao Tejo.

É sempre difícil fazer previsões, mas que tendências vê a acontecer? Considera



PARQUE GONÇALO RIBEIRO TELLES

que a Arquitetura Paisagista tem uma boa escola e um futuro promissor?

A arquitetura paisagista tem boas escolas em Portugal, a prova disso são os inúmeros arquitetos paisagistas, de reconhecido valor em atividade, a produzir trabalho, em ateliers e em instituições.

Sim, o futuro para a Arquitetura Paisagista é promissor, quanto à quantidade de desafios e trabalho que temos pela frente, as paisagens, os lugares em que habitamos, tal como os nossos sonhos estão em constante transformação. Por outro lado, a nossa capacidade de destruição, da natureza que nos sustenta, tem sido crescente e nesse sentido é urgente intensificar o trabalho de mediação entre o sistema cultural e o sistema natural onde a arquitetura paisagista se situa.

Caminhamos para cidades mais inclusivas, com espaços verdes, onde haja uma comunhão sustentável entre a natureza e o urbanismo, ou estamos longe de cumprir esses objetivos?

Se o caminho tem a ver com maior inclusão do sistema natural no nosso espaço de habitar, estamos muito longe desse objetivo, é urgente retirar pavimento, replantar logradouros, libertar ribeiras

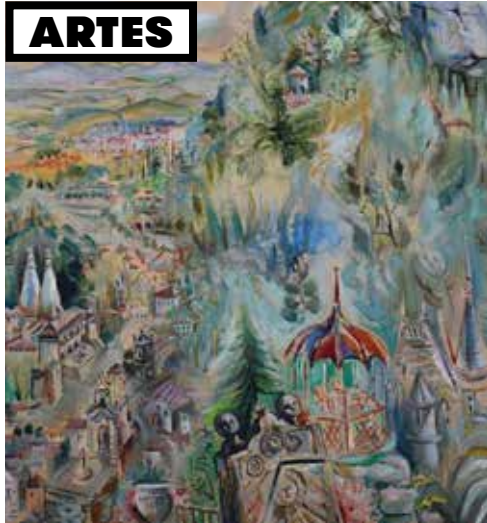
(trazer as linhas de água para a superfície), aumentar os espaços de produção hortícola na proximidade, pedonalizar mais, estabelecer mais e maiores continuidades naturais no coração das cidades. É urgente renaturalizar mais para ter maior espontaneidade natural ao pé de nós.

Disse uma vez que “faltam-nos muito mais árvores em Lisboa do que estradas”. Considera que falta “vontade política” para que as grandes cidades possam ver nascer mais projetos de arquitetura paisagista em grande escala?

Sim, parece-me uma observação factual, poucas são as ruas que não são viárias e muitas são as ruas que não são arborizadas ou condignamente arborizadas.

Por outro lado, o esforço de alteração das paisagens das cidades, no sentido de aumentar a coexistência com o sistema natural, só será útil se encontrarmos novos modelos de gestão que permitam a sua manutenção. Tem menos que ver com projetos e mais com políticas e procura de novas realidades culturais que aproximem a população da natureza no quotidiano - não só como observadora, mas como participante ativa no cuidado, na produção e na sua proteção.

ARTES



Mily Possoz: Uma poética do espaço

Com curadoria de Emília Ferreira, esta mostra constitui a maior retrospectiva alguma vez dedicada a Mily Possoz, uma das figuras centrais do modernismo português. A exposição distribui-se por três espaços, MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Museu das Artes de Sintra e NOVA Medical School, reunindo obras de coleções públicas e privadas, muitas delas inéditas. O núcleo apresentado no MNAC acompanha o percurso inicial da artista até à participação na Exposição do Mundo Português (1940), revelando uma obra marcada pelo cromatismo ousado, pelo movimento e pela experimentação técnica. **ATÉ 1 DE FEVEREIRO**

Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa

ARTES

Meu nome António

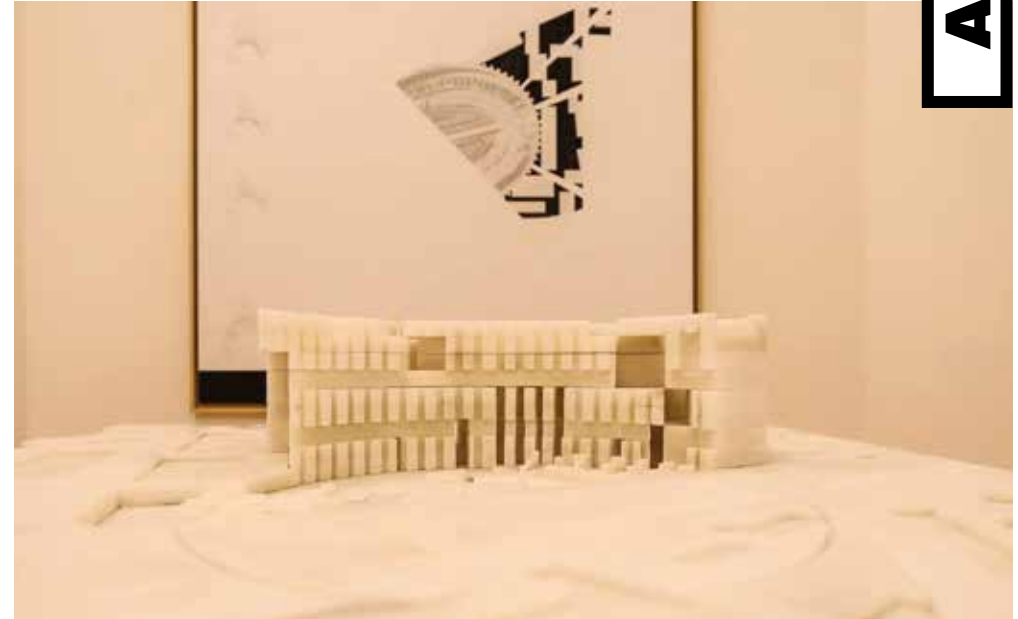
Esta exposição reúne 85 fotografias captadas entre 1981 e 1983, por Teresa Couto Pinto, fotógrafa, agente e amiga de António Variações. Retratam a história de um homem que estava à frente do seu tempo, com uma personalidade forte e singular, liberdade criativa e carisma. No 1o núcleo, António Variações surge com visuais ousados; o 2o revela o interior da casa do artista e objetos que refletem a sua identidade; o 3o núcleo apresenta uma dimensão mais dramática, no olhar e na expressão. No último, reúnem-se imagens de duas sessões realizadas como preparação para a capa do álbum Dar & Receber. **ATÉ 26 DE ABRIL**



MUDE - Museu do Design, Lisboa

2026 chega com excelentes propostas culturais, um pouco por todo o país. Brinde ao novo ano com um espetáculo a seu gosto, seja teatro, música, uma exposição ou cinema

ARTES



Aires Mateus: Beleza apesar de tudo

“Construímos casas para acolher intimamente o bocado do mundo – feito de coisas, pessoas, animais, plantas, atmosferas, eventos, imagens e lembranças – que torna a nossa felicidade possível”. Esta não é uma exposição antológica ou retrospectiva, mas uma exploração das investigações espaciais desenvolvidas pelos arquitetos Aires Mateus nos últimos 20 anos.

Não se trata tanto de apresentar projetos imaginados, projetados e/ou construídos, mas mostrar, através de 91 representações, como certas ideias espaciais têm conduzido esta dupla. Ideias que não são apenas operativas na resolução de problemas espaciais e construtivos, mas também se ligam a uma pesquisa profunda, sensível e poética sobre os materiais, os espaços, as geografias, o tempo e a história. **ATÉ 19 DE ABRIL**

Fundação Serralves, Porto

TEATRO



Estar em casa

Esta peça é um mergulho poético e musical no universo singular de Adília Lopes. Revelando a delicadeza, o humor e a ironia que atravessam a escrita da autora, o texto foca o seu olhar íntimo sobre o quotidiano, porque a poetisa era “uma mulher que transformava o banal em arte e a rotina em encantamento”. Esta criação do Teatro do Eléctrico, que conta com dramaturgia e encenação de Ricardo Neves-Neves, música ao vivo tocada por Simão Bárcia e interpretação de Sílvia Filipe, parte da poesia para nos falar de gatos, baratas, crochet, mas sobretudo de ideias, num espetáculo vibrante e inesperado. **ATÉ 11 DE JANEIRO**

Teatro Variedades, Lisboa

TEATRO

Catarina e a beleza de matar fascistas

Esta família mata fascistas. É uma tradição antiga que cada membro da família sempre seguiu. Reúnem-se numa casa no campo, no sul de Portugal, perto da aldeia de Baleizão. Uma das jovens da família, Catarina, vai matar o seu primeiro fascista, raptado de propósito para o efeito. É um dia de festa, de beleza e de morte. No entanto, Catarina é incapaz de matar ou recusa-se a fazê-lo. Estala o conflito familiar, acompanhado de várias questões. O que é um fascista? Há lugar para a violência na luta por um mundo melhor? Podemos violar as regras da democracia para melhor a defender?

ENTRE 12 E 17 DE JANEIRO



Culturgest, Lisboa



TEATRO

Titus

A partir da peça “Titus Andronicus”, de William Shakespeare, uma das suas primeiras tragédias - marcada por uma violência extrema e por temas como o trauma de guerra, o desejo de vingança, a relação com o poder, a autocracia, a misoginia e a ausência de limites para atingir um fim - esta peça explora uma perturbadora atualidade. Num tempo onde a violência ressurgue com novos rostos, sob discursos autoritários de guerra justa e paz imposta pela força, e em que se normaliza a violência como forma de resolução de conflitos, a intemporalidade de “Titus Andronicus” expõe o lado mais sombrio da condição humana. Mais do que uma reinterpretação, esta criação propõe um olhar crítico sobre o modo como os mecanismos de poder, vingança e desumanização permanecem ativos na sociedade contemporânea. **ENTRE 16 E 25 DE JANEIRO**

Encenação e adaptação:
Cátia Pinheiro, José Nunes
e Hugo van der Ding
Interpretação: Cátia
Pinheiro, João Nunes
Monteiro, João Oliveira,
Maria Inês Peixoto, Pedro
Frias, Roldy Harrys, Rui
Maria Pêgo, Tiago Jácome,
Tita Maravilha e Vicente Gil
Centro Cultural de Belém,
Lisboa

MÚSICA



Concerto de Ano Novo da Metropolitana

ENTRE 1 E 4 DE JANEIRO NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

A elegância das melodias intemporais de Strauss transmite a energia de que precisamos para enfrentar novos ciclos com vibrações positivas. Para brindar 2026, junta-se-lhe a exuberância de Khachaturian, a afetação romântica de Tchaikovsky, a alegria vigorosa de Freitas Branco e o salero de Falla.

Capitão Fausto

DIA 24 DE JANEIRO NA MEO ARENA, LISBOA

Uma das mais originais e criativas bandas portuguesas iniciou o seu percurso há mais de uma década. Numa constante reinvenção, que vai substituindo a massa energética e irrefletida do primeiro trabalho, “Gazela”, os Capitão Fausto apresentam agora uma sonoridade mais madura e profunda.



Pedro Burmester

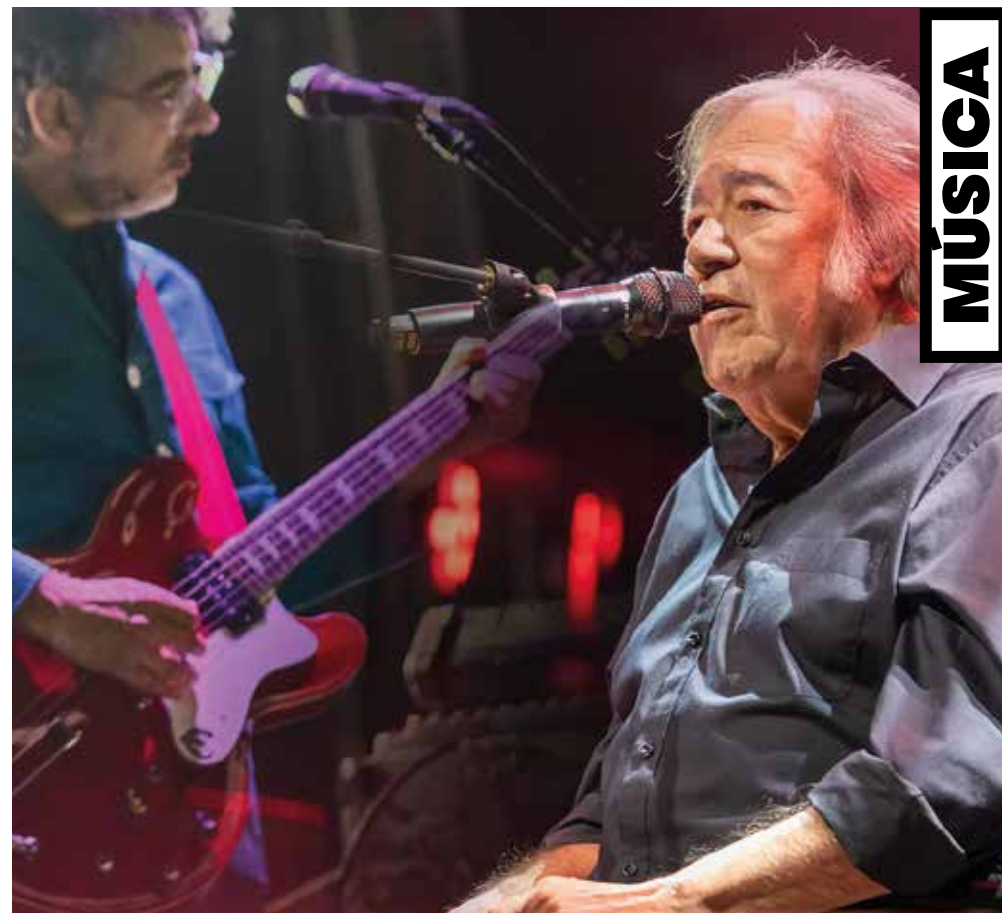
DIA 30 DE JANEIRO NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

Uma leitura renovada das “Variações Goldberg de Bach” será apresentada por Pedro Burmester numa interpretação “em pura intuição”. O pianista português regressa a esta obra com a liberdade dos mestres e a maturidade de quem a habita por dentro, num momento raro em que a escuta se aproxima do sagrado.

Camané e Ensemble Darcos

DIA 31 DE JANEIRO NO SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, LISBOA

“De quantas cores se matiza o fado”. A célebre frase de Bocage ilustra na perfeição a ideia por detrás deste projeto que junta no mesmo palco o fado de Camané e o Ensemble Darcos, dirigido pelo maestro Nuno Côrte-Real. Dois mundos diferentes que dialogam e se fundem entre o clássico, o contemporâneo e o popular.



MÚSICA

Conta-me Uma Canção

A quarta edição ao vivo de “Conta-me uma canção” irá proporcionar três encontros com duplas formadas por nomes incontornáveis da música nacional. Seis artistas aceitaram o desafio de exporem a sua visão sobre aquele que se poderá considerar o bem mais valioso da música popular, “a canção”. Serão noites em que, a par das histórias das canções escolhidas, das versões cruzadas, e de uma conversa necessariamente íntima entre dois criadores, cada parilha partilhará ainda uma versão de uma canção de outro autor, daquelas que gostariam de ter composto. No dia 28 de janeiro reúnem-se Clã e Sérgio Godinho, num concerto inigualável. A 9 de fevereiro será a vez de Benjamim e Tozé Brito e, no dia 17 de fevereiro, cantam juntos Rui Reininho e Samuel Úria. **ENTRE 28 DE JANEIRO E 17 DE FEVEREIRO**

Teatro Maria Matos, Lisboa

DANÇA



(Des)humanos

Esta criação convida à reflexão sobre a essência do ser humano e parte de uma questão essencial: o que é, afinal, ser humano? Num mundo onde se valoriza tanto a evolução, ora regressamos à nossa natureza instintiva, ora procuramos alcançar algo supostamente mais elevado. Vivemos envoltos em dualidades, entre o conhecimento e o excesso de informação, entre a presença e a constante mediação tecnológica, entre o corpo e a mente. “(Des)humanos” nasce deste confronto. Através da linguagem do corpo e da dança, o espetáculo dá forma às indagações que nos habitam, num espaço de diálogo físico, emocional e simbólico.

DIAS 16 E 17 DE JANEIRO

Teatro Ibérico, Lisboa

DANÇA

PortDanceFest

Criado para celebrar o talento, a criatividade e a paixão pela dança, o PortoDanceFest reúne bailarinos num ambiente de exibição e competição. Após o sucesso da primeira edição, em 2025, o evento regressa reforçado, tornando-se internacional e com o dobro dos participantes. Do hip hop ao lírico, da afrodance ao jazz e à dança contemporânea, esta edição promete consolidar o PortDanceFest como um dos maiores e mais marcantes eventos de dança em Portugal, reunindo amantes da modalidade e promovendo a técnica e o talento que fazem desta arte uma linguagem universal.

DIAS 24 E 25 DE JANEIRO



Pavilhão Municipal de Vila Nova de Gaia, Porto

CINEMA



De Hitchcock ao cinema japonês

Este mês, Alfred Hitchcock regressa ao grande écran, com uma das maiores retrospectivas realizadas em Portugal nas últimas décadas, que inclui 37 filmes, estreados entre 1929 e 1972.

Um dos realizadores mais célebres e mais influentes na história do cinema, citado, copiado, homenageado e admirado por diferentes gerações... produziu obras que são, hoje e para sempre, fervorosos objetos de paixão. O Cinema Media Nimas regressa assim a Hitchcock e à sua obra. Consulte a programação em www.medeiafilmes.com/noticias. Também em janeiro, o Museu do Oriente, em colaboração com a Embaixada do Japão em Portugal e a Japan Foundation, apresenta um ciclo de cinema focado na adaptação do espírito e identidade japoneses ao contexto contemporâneo urbano, com filmes de Masayuki Suzuki, Miwa Nishikawa e Keiko Tsuruoka.

Grande Retrospectiva: Alfred Hitchcock

Até 31 janeiro
Cinema Medeia Nimas,
Lisboa

O Caminho Japonês

De 10 a 24 de janeiro
Museu do Oriente

MOÇAMBIQUE

ARTES

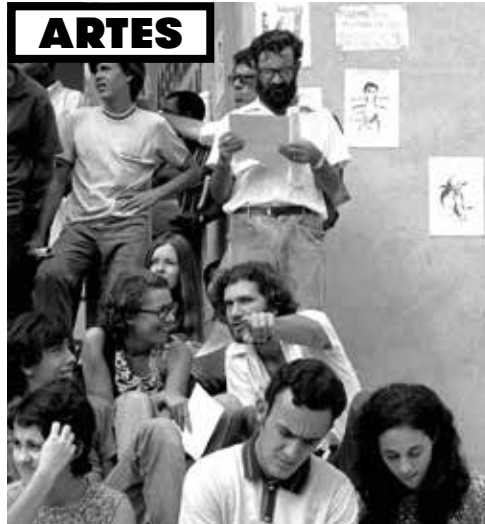
Mudaulane |4.1 | Quotidianos

Camões - Centro Cultural Português, Maputo

Esta exposição apresenta pinturas, desenhos e cerâmicas do artista moçambicano Celestino Mudaulane, cujo trabalho reflete a cultura, a história e a identidade de Moçambique. Nas obras de Mudaulane encontramos uma ligação evidente às tradições e heranças culturais do país, integrando elementos tradicionais com técnicas contemporâneas, criando obras que dialogam entre passado e presente, o que amplia a sua relevância no cenário artístico atual. Para além de Maputo, Celestino Mudaulane já expôs as duas obras em cidades como Milão, Veneza, Lisboa e Nova Iorque. **ATÉ 9 DE JANEIRO**



ARTES



Funcho, por João Costa

Centro Cultural Franco-Moçambicano, Maputo

Focada nos anos 70, a exposição, comissariada por Filipe Branquinho, revisita o vasto acervo de Funcho, um dos mais antigos e emblemáticos fotógrafos profissionais de Moçambique, cujo percurso se estende do período colonial até à atualidade. A seleção evidencia a longevidade de um olhar que registou importantes transformações no país e sublinha a relevância histórica e cultural do seu trabalho. “Funcho” é mais do que fotografias, é um retrato da memória coletiva e da identidade cultural, com especial enfoque nos anos 70, período que regista momentos essenciais da vida social e histórica de Moçambique.

ATÉ 14 DE MARÇO

EUROPA

ARTES

Kandinsky: A Música das Cores

Musée de la musique - Philharmonie de Paris

O Museu da Música e o Centre Pompidou uniram forças para conceber uma grande exposição sobre o papel da música na obra de Wassily Kandinsky. A mostra dá finalmente à música o lugar que ela merece na obra do mestre da abstração, reunindo quase 200 quadros e objetos do seu atelier, que expressam a importância da música no seu quotidiano, na sua vocação artística e na evolução da sua prática. As partituras que adquiriu, os livros que colecionou, fotografias, ferramentas e uma coleção de discos, são objetos essenciais na sua cultura artística, uma vez que, muitas vezes, o seu ouvido guiou o seu olhar. **ATÉ 1 DE FEVEREIRO**



ARTES



Isabel Farnese

Museu do Prado, Madrid

Esta exposição examina o legado de uma das mecenas artísticas mais influentes na formação das coleções do Museu do Prado: a Rainha Isabel Farnese. Figura central, tanto na política quanto no colecionismo, Isabel Farnese moldou profundamente o panorama cultural da Europa do século XVIII. A sua coleção, de quase mil pinturas, está entre as mais notáveis da sua época. Nesta mostra, 350 obras-primas incluem trabalhos de Velázquez, Ribera, Murillo, Correggio, Rubens, Reni, Van Dyck, Bruegel, Clara Peeters, Teniers e Watteau, entre outros, bem como um grupo excepcional de esculturas clássicas. **ATÉ 24 DE MAIO**

PARA LER

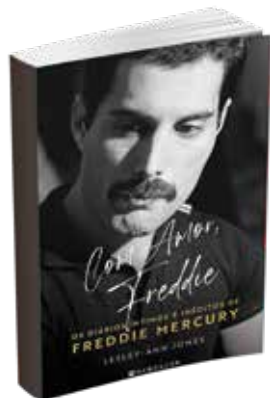


O Fim dos Estados Unidos da América Gonçalo M. Tavares

Uma epopeia satírica e distópica, que começa com a enigmática entrada da peste nos EUA. Ted Trash, extremista de direita, e Left Wing, extremista de esquerda, serão responsáveis por uma guerra civil. No meio disto está Bloom, que só pensa na mexicana La Rosa, mas tentará, até ao fim, salvar a América. Johnston Bonne, engenheiro informático, maluco, anarquista, também tentará ajudar o país, assim como os ativistas Jonathan & Mary. Tirésias, profeta cego, fará oráculos decisivos. O Dr. Robert, cientista, usará o seu racionalismo, mas será James, o coveiro, quem exercerá a sua função de forma exemplar...

Com amor, Freddie Lesley-Ann Jones

Poucas pessoas sabiam que Freddie Mercury mantinha um diário. Quando morreu, em 1991, deixou 17 cadernos manuscritos, que relatavam a sua vida e a sua época, iniciados em 1976, quando os Queen estavam no auge da fama. A sua última entrada foi escrita algumas semanas antes da sua morte, e foi pouco antes de morrer que Freddie confiou os diários a uma pessoa. Em 2021, essa pessoa ofereceu a Lesley-Ann Jones o acesso total às confissões íntimas do artista. A autora construiu uma narrativa que vai abalar tudo o que pensávamos saber sobre ele, na aproximação mais fiel de uma autobiografia de Freddie Mercury.



Marrocos

Marraquexe tem uma atmosfera mágica e uma identidade absorvente que desperta os sentidos. As especiarias emanam odores intensos, as pessoas vestem-se de cores vibrantes, por todo lado ouvem-se instrumentos tradicionais e a comida é maravilhosa. O centro histórico da cidade é relativamente compacto e, por isso, é possível fazer quase tudo a pé, a melhor forma de conhecer os recantos mais escondidos. Deixar-se “perder” pelas ruas da Medina, a parte velha da cidade, cingida pelas muralhas, com encantadoras casas, palácios, pátios, jardins e os imperdíveis souks, é a melhor forma de conhecer a vida da cidade e das suas gentes. Já a praça Jemma el-Fna, que passa de um espaço amplo e vazio, durante o dia, para um frenesim de bancas e vendedores ao final da tarde, é uma experiência intensa, principalmente por causa dos insistentes negociantes que nos querem vender tudo, nunca sem antes regatear o preço. Para além destas vivências, visitámos alguns edifícios imperdíveis, pela sua arquitetura e história, como a Madraça Ben Youssef, onde se aprendia o Alcorão; o Museu Dar El Bacha, um antigo palácio; a zona envolvente da mesquita Koutubia; o Palácio Bahia e ainda o Jardim Majorelle.

A cerca de duas horas de Marraquexe fica Essaouira, outro destino encantador. Cidade costeira, descontraída, com uma medina classificada Património Mundial pela UNESCO, um vibrante porto de pesca, com típicos barcos azuis, praia e uma fortaleza de origem portuguesa, Essaouira vale mesmo a pena uma visita.



A Betar deseja-lhe um excelente

2026

